

NOVOS ALAGADOS

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>A Tarde</i>		
Data <i>16/11/02</i>		
Caderno <i>Local</i>	Página <i>4</i>	
Seção		
Assunto <i>Bairro</i>		

Miséria ainda é característica de Alagados

POR EMPREGO
Industrialização pioneira serviu de atrativo aos invasores da maré

NIKAS ROCHA

Maior área de ocupação irregular em palafitas da Bahia, Alagados continua a desafiar governantes e instituições para solucionar seus graves problemas sociais. Iniciado numa enseada da Baía de Todos os Santos em 1949, o bairro experimentou um grande crescimento até o início da década de 80, quando foi lançado seu primeiro projeto de urbanização.

De lá para cá, a população caiu de 100 mil habitantes para cerca de 30 mil, com uma pequena melhoria das condições de moradia, agora agravadas com o alto índice de desemprego e o aumento da criminalidade. Com os projetos Ribeira Azul e Viver Melhor, o governo estadual atua para reverter o quadro de exclusão social da área.

Dos bairros populares de Salvador, Alagados é o maior exemplo da desordenada ocupação do seu solo por invasões. Atraídos



pela pioneira industrialização na região de Itapagipe, seus moradores foram construindo barracos em cima de estacas sobre a maré, sem nenhuma intervenção do poder público. O resultado foi o crescimento das palafitas sem a menor infra-estrutura urbana, exemplo ostensivo da miséria na capital.

Apesar dos projetos, a realidade da pobreza muda bem devagar. Centenas de pessoas continuam morando nas palafitas e não sabem quando vão sair de lá. É o caso de Márcia Alves da Silva, desempregada, que faz faxinas para sobreviver e manter duas filhas menores. Ela reside numa rua próxima à Igreja de Nossa Senhora de Alagados, inaugurada pelo papa João Paulo II, quando da sua visita a Salvador em 1980. Separou-se do companheiro o ano passado e mora no barraco, onde paga R\$ 10 pela energia elétrica. A água é coletiva e a comida diária é o feijão, arroz e farinha. As filhas

se alimentam mais na escola.

Perto dela, mora a cunhada Luzinete da Silva, com um filho menor. Também sozinha e desempregada. As duas foram cadastradas pelo Programa Ribeira Azul, implantado pela Conder para erradicar as últimas palafitas, e esperam ansiosamente a saída do local. "Pelo menos, teremos uma casa decente", diz Luzinete. Além da batalha para conseguir dinheiro para comer, as moradoras temem o risco da queda do barraco, que deve ser escorado de dois em dois anos, pois as estacas de sustentação se deterioram com a água.

Morando em uma área aterrada em Novos Alagados, invadido a partir de 1977, a agente de saúde do bairro, Luiza Helena de Souza, 50 anos, criou seus dois filhos no lugar. Como uma das primeiras a chegar na área, afirma que a moradia melhorou "um pouco" nos últimos anos, principalmente com os aterramentos e o saneamento básico do Programa Bahia Azul. Mas diz que falta muito para que os moradores tenham uma moradia decente. "O desemprego é geral, não há ocupação para os jovens, por isso está aumentando o número dos que entram na criminalidade", assinalou.



Foto: Arestides Baptista

O apoio dos universitários

Além da erradicação das palafitas e construção de novas casas, líderes comunitários e moradores engajados em projetos sociais defendem uma atuação mais eficaz dos governos e ONGs em programas de planejamento familiar e criação de fontes de emprego e renda. "O aumento da população sem escolaridade e trabalho só aumenta a pobreza e a desigualdade social", afirma o diretor da Cooperativa de Construção Predial (Coopred), o estudante de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia Haroldo Silva Barbosa, um dos 40 universitários que moram em Novos Alagados.

Ele e a estudante de Secretariado da Universidade Católica de Salvador Ezileusa Barbosa fazem parte do Centro de Educação Desportiva e Profissionalizante (Cedep), uma entidade que desenvolve um curso de manutenção predial em Boiadeiro, localidade dos Novos Alagados, e vem obtendo êxito em criar ocupação para jovens e fazer com que obtenham

renda com o trabalho. Formado de uma parceria da Associação dos Voluntários para o Serviço Social, Organização do Auxílio Fraternal e a Ação Social da Paróquia de São Brás, o curso, criado em 1999, formou 114 jovens em conhecimentos básicos de construção civil, e este ano formará mais 60, dos quais 35 são mulheres.

Para participar do curso, o jovem morador, com idade de 17 a 21 anos, tem que estar matriculado em escola pública e realizar uma prova de seleção. Seu objetivo, segundo Haroldo Barbosa, é o de valorizar o espaço do Cedep, capacitar profissionalmente os jovens e inseri-los no mercado de trabalho. A cooperativa atua no último item, com os cooperados realizando obras de construção na própria comunidade e em outros locais.

Atualmente, 30 cooperados constroem dez casas em São João do Cabrito, recuperando os barracos que fazem parte da 1ª Etapa do Projeto de Novos Alagados, da Conder. Por este traba-

lho, cada jovem recebe, em média, um salário mínimo mensal. Além dos assuntos do curso, os jovens aprendem noções de cidadania, levantam sua auto-estima e acabam servindo de referência para seus vizinhos, explica Haroldo.

No geral, os moradores de Alagados contam com escolas e colégios, embora seja alta a evasão escolar. Na área de saúde, têm os serviços do Posto Municipal de Plataforma (funcionando precariamente) e o Posto Médico Virgílio de Carvalho, nos Dendezeiros. Também são assistidos no PAM de Roma e no Hospital Irmã Dulce.

O transporte urbano melhorou muito na região suburbana, afirmam eles. O mesmo não pode se dizer da atuação das polícias Civil e Militar. Além da ausência de rondas da PM, queixam-se da falta de condições dos policiais e até da ausência de empenho em coibir o uso de drogas, arrombamentos de casas e assaltos constantes na área.

Foto: Arestides Baptista



Jovens são preparados para o mercado de trabalho e dão sua contribuição à comunidade



Projetos governamentais e ações de ONGs ainda não foram capazes de solucionar os problemas

Entidade luta por cidadania

Um dos fundadores da Associação Comunitária João Paulo II, o mestre-de-obras Aurélio Pinheiro de Oliveira, é conhecido no bairro por sua luta em defesa dos moradores e pela melhoria das condições de vida e moradia no local. Atualmente dono de um bar na Praça João Paulo II, na parte de baixo da igreja inaugurada pelo papa, o líder comunitário afirma que, além da erradicação das palafitas, os governos precisam apresentar projetos contra o desemprego e orientar as adolescentes a não engravidarem tão cedo.

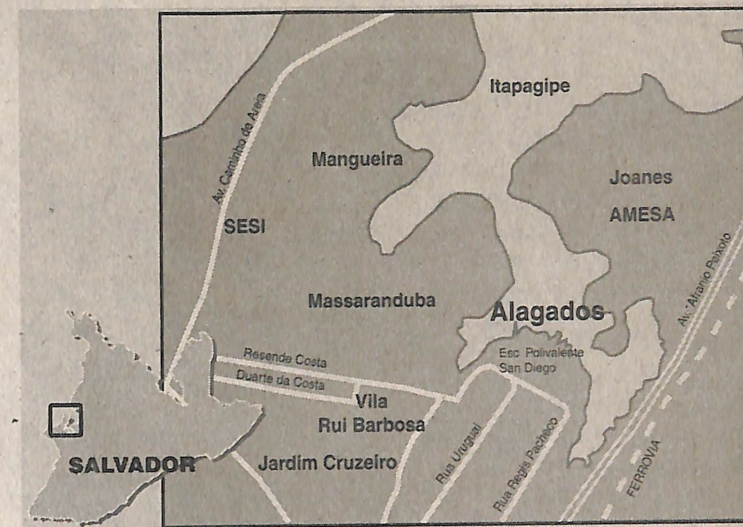
Para Aurélio de Oliveira, os programas governamentais, como o Bahia Azul e o Ribeira Azul, vêm melhorando o bairro. O primeiro, segundo ele, assegurou muito trabalho para os pais de família da região, que após os 50 anos dificilmente encontram uma colocação no mercado de trabalho. O Ribeira Azul, em sua opinião, vai mudar a cara do bairro, aterrando a parte de lama e retirando os moradores que ainda estão nas palafitas. O líder comunitário se entusiasma quando fala do projeto, que prevê a abertura de uma pista na borda da maré, paralela à Avenida Suburbana. "De-

pois dela, vai dar até para construir vilas por aqui", diz, alegre.

Outra pessoa bastante conhecida pelos moradores é o padre Salvador Medina, da Paróquia de São Brás, que coordena uma série de programas sociais em Alagados. O padre acredita que para resolver os problemas sociais no local é preciso atacar quatro pontos fundamentais: moradia, comida, edu-

cação e renda. Nesse sentido, informou que a paróquia, além de manter o curso de construção predial, tem o pré-vestibular afro e oficinas de cultura afro. Também distribui cestas básicas para famílias carentes e desenvolve diversas atividades para recuperação ambiental, reconciliação da população e promoção de uma cultura da paz no bairro.

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE